

## AGRONEGÓCIO

# Safra avança e prevê retomada no RS após dois anos de perdas

**Estimativa de 40,7 milhões de toneladas projeta cenário favorável após períodos marcados por estiagens e instabilidades**

**Claudio Medaglia**  
claudiom@jcrs.com.br

A safra de grãos 2025/2026 se consolida no Rio Grande do Sul com expectativa de recuperação produtiva e manutenção de áreas estratégicas, mesmo diante da irregularidade climática registrada entre outubro e novembro. A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) projeta 40,7 milhões de toneladas, aumento de 13,3% sobre a temporada anterior, mantendo o Estado como o terceiro maior produtor nacional. O desempenho ainda refletirá limitações decorrentes das instabilidades climáticas, mas indica avanço consistente, especialmente na soja.

Paralelamente, os dados da Emater/RS confirmam o bom ritmo de plantio e a tendência de neutralidade climática no primeiro trimestre de 2026,

fator considerado decisivo após a estiagem que impactou a safra 2024/2025.

O diretor técnico da Emater/RS, Claudinei Baldissera, observa que a irregularidade das precipitações resultou em interrupções pontuais no plantio e estresse hídrico em regiões que ficaram até 20 dias sem chuva. Em contraponto, um ciclone extratropical atingiu o RS na primeira quinzena de dezembro, causando estragos em algumas culturas. A Conab monitora os efeitos do fenômeno, que trouxe fortes ventos e volumes elevados de precipitação.

Apesar desses episódios, a expectativa segue positiva. A tendência de retorno à neutralidade entre janeiro e março reduz o risco de perdas na fase crítica das lavouras e favorece não apenas os grãos, mas também fruticultura, olericultura e formação de pastagens para leite, corte e ovinocultura.

A soja é a base da retomada projetada para 2026, com intenção de plantio de 6,7 milhões de hectares, de acordo com a Emater, e safra de 21,4 milhões de toneladas, alta de 57,1%. A cultura

apresenta avanço acelerado de semeadura, passando de 9% no fim de outubro para 65% no fim de novembro, mesmo com baixa umidade no solo. Atualmente, mais de 80% já foram plantados. A recuperação, porém, está diretamente vinculada ao retorno a condições climáticas mais estáveis após a forte estiagem anterior.

O arroz registra redução relevante de área e produção em relação à safra passada. Dos 920 mil hectares projetados inicialmente pelos produtores – cerca de 5% abaixo do ciclo anterior –, 95% já foram cultivados. Mas o trabalho nas lavouras pouco evoluiu nos últimos dias, confirmando a estimativa do presidente da Federação das Associações de Arrozeiros do RS (Federarroz), Denis Dias Nunes. Com base nos números do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga), a Emater/RS estima produção de 8 milhões de toneladas, superior às 7,7 milhões de toneladas projetadas pela Conab.

Já o milho tem crescimento expressivo, com 817,1 mil hectares semeados na primeira safra, de acordo com a Conab, a maior



Área de soja deve alcançar 6,7 milhões de hectares no Rio Grande do Sul

área em duas décadas. A colheita projetada deve praticamente igualar as 5,4 milhões de toneladas da safra anterior, com queda de 12% na produtividade, de acordo com o último levantamento divulgado pela Conab, em 11 de dezembro. A irregularidade das chuvas gerou preocupação, mas o impacto já estava incorporado na projeção de produtividade.

Para as culturas de inverno, a Emater calcula uma produção de 3,4 milhões de toneladas de trigo, 0,6% menor que a inicialmente projetada, em 1,15 milhão de hectares. A área de aveia-branca está projetada em 398.885 hectares, que deverão resultar em 958,9 mil toneladas.

Destaque para a canola, com crescimento acelerado e produtividade elevada. Segundo a Emater, a área cultivada totalizou 176 mil hectares, e a produção chegou a 289,4 mil toneladas.

Conforme a Conab, a performance foi ainda melhor, com 209,9 mil hectares semeados – 43,7% a mais sobre a safra passada –, para uma colheita de 320,7 mil toneladas, 66,2% superior, com bons indicadores de qualidade e teor oleico próximo de 40%.

Por fim, a cevada tem área cultivada estimada em 33,5 mil hectares e produção de 110,2 mil toneladas, de acordo com a Emater.

A combinação entre plantio acelerado, recuperação da produtividade nas principais culturas e expectativa de clima neutro coloca o Rio Grande do Sul em trajetória de retomada após dois ciclos marcados por adversidades. Para 2026, tanto Emater/RS quanto Conab apontam um cenário de safra maior, mais estável e com potencial de recuperação econômica, ainda que dependente da consolidação das condições climáticas nos meses decisivos.

## Clima impõe novo patamar de risco para o agro gaúcho em 2026

O ano de 2026 se desenha como mais um ciclo desafiador para a agricultura do Rio Grande do Sul, em um contexto marcado por maior variabilidade climática e ocorrência crescente de extremos. A avaliação é do agrometeorologista Gilberto Cunha, da Embrapa Trigo, com sede em Passo Fundo, que defende que o setor produtivo precisa ampliar o horizonte de planejamento e incorporar uma visão de médio e longo prazo para se adaptar ao novo regime climático.

Ele explica que as transformações observadas no Sul do Brasil – entre aumento de chuvas em alguns períodos, estiagens mais duradouras e eventos severos cada vez mais frequentes – tendem a persistir nos próximos anos. A trajetória recente, marcada por enchentes históricas em 2023 e 2024 e episódios relevantes de seca, reforça o padrão de oscilação intensa, o que exige maior preparo das propriedades.

O ciclo 2025/2026 será novamente influenciado pela

variabilidade associada ao oceano Pacífico, embora a intensidade do fenômeno La Niña prevista pelos modelos seja considerada moderada. Mesmo assim, em anos como esse, os volumes de chuva entre primavera e verão costumam oscilar entre a média e níveis ligeiramente inferiores, especialmente em janeiro e fevereiro – justamente o período mais sensível para a cultura da soja no Rio Grande do Sul.

As estimativas divulgadas pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e pela Emater/RS-Ascar apontam cenários considerados “realistas” pelo especialista da Embrapa, baseados em médias históricas e na evolução tecnológica das lavouras gaúchas. Cunha avalia que as projeções ainda estão sujeitas a ajustes, dependendo do regime de chuvas entre dezembro e fevereiro.

No milho, parte relevante do potencial produtivo já está condicionada ao comportamento climático observado no final da primavera. As chuvas recentes aliviaram o estresse hídrico em várias regiões, mas a distribuição

irregular permanece como fator de risco. A soja, embora tenha janela de plantio mais ampla, depende de precipitações regulares durante o enchimento de grãos para alcançar desempenho satisfatório. Cunha observa que o cenário não impede bons resultados, mas recomenda cautela ao falar em rendimentos máximos.

Ele lembra que, em anos de La Niña, toda a Bacia do Prata tende a registrar redução de oferta de grãos, o que influencia expectativas de mercado. Operadores observam a região como um conjunto, avaliando impactos potenciais sobre preços futuros e abastecimento.

Conforme o agrometeorologista, diante de um clima cada vez mais incerto, a adaptação do agro gaúcho passa por três eixos: manejo eficiente do solo, uso intensivo de tecnologias e fortalecimento do seguro agrícola. O primeiro pilar – e o mais decisivo –, aponta, é a construção de perfis de solo mais resilientes. A adoção de rotação de culturas, integração de espécies de cobertura e sistemas produtivos ativos o

ano inteiro melhora estrutura física, infiltração e retenção de água. Ele ressalta que esses efeitos não se constroem em uma única safra, mas ao longo de anos, e geram diferenças concretas em situações adversas. Levantamento da RTC identificou vantagem média próxima de 14 sacas de soja por hectare em propriedades com manejo superior durante a estiagem de 2019/2020.

O segundo eixo envolve tecnologias emergentes, como monitoramento por satélite, geoprocessamento e sensoriamento remoto, que ampliam a precisão das análises de risco e permitem decisões mais rápidas no campo.

Já o terceiro pilar – o seguro rural – passa por reestruturação. A forte sinistralidade recente reduziu a participação de seguradoras e resseguradoras no mercado gaúcho, fazendo o setor retornar a níveis semelhantes aos de uma década atrás.

Cunha avalia que a expansão sustentável do seguro depende de equilíbrio econômico e políticas públicas robustas de subvenção, como ocorre em países de agricultura avançada.



TÂNIA MEINERZ/JC

Lavouras de milho e soja estão entre as mais sensíveis a estresse hídrico